

MIGUEL TORGA

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

MIGUEL TORGA, UMA POESIA DA ALMA E DA PAISAGEM

Isabel Alves

Devo muito aos pés e aos olhos. Sem a ajuda deles nem a alma estaria tão cheia, nem teriam surgido os livros onde tento esvaziá-la. (...) Os homens ensinaram-me a pensar e a discernir; mas as coisas revelaram-me a beleza dos mistérios sem explicação. Diante de uma seara a ondular, dum sobreiro descascado, dum esteval florido, sinto que a vida é mais larga que um silogismo e mais bela do que um verso bem medido. (...) Li centenas de livros, e continuo a ler. Mas é na cartilha da natureza que aprendo o que à minha inquietação mais importa. (Miguel Torga, Diário X, 65)

1. “Miguel Torga: uma poesia da alma e da paisagem”: quando li o título proposto, pensei no texto de Miguel de Unamuno “País, paisaje y paisanaje”, inserido na obra *Paisajes del alma*, lugar literário onde o filósofo descreve o momento em que certa paisagem se fez alma: “Siento que esse paisaje, que es a su vez alma, psique, ánima – no espíritu –, me coge el anime como um dia esta tierra española, cuna y tumba, me recogerá com el último abrazo maternal de la muerte” (181-2). Para Unamuno, como mais tarde para Torga, a paisagem não é elemento secundário, mas, antes, “um estado de consciência”, no sentido que para ambos os autores existe uma intrínseca relação entre a paisagem e o ‘eu’: ver a paisagem, cair dentro da paisagem, significa descentrarmos-nos do ‘eu’ mais social e deslocarmos-nos para um ‘eu’ mais abissal. Como Unamuno, Torga irá “requestar na carne da paisagem/ A alma que, zeloso, protegia” (*Poemas Ibéricos*, 64). Como Unamuno, também o autor de *Portugal* cumpre o ritual de “subir aos altos, sentir a voluptuosidade da fadiga, e depois olhar”. Para acrescentar, logo de seguida: “Devo à paisagem as poucas alegrias que tive no mundo” (*Diário II*, 71).

2. A paisagem será assim um encontro: entre o humano e o não humano, um espaço de liberdade do sentir. Como refere Jean-Marc Besse, “a paisagem é a expressão da existência...marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano” (92). O mesmo Besse oferece uma definição do termo: “a paisagem é o produto das interações, das combinações entre um conjunto de condições e de restrições naturais e um conjunto de realidades humanas, económicas, sociais e culturais” (66). Se, por um lado, a paisagem pode

revelar-se o objeto de estudo de geólogos e de arquitetos paisagistas, por outro lado, ela é também território expressivo da alma humana e, por isso, é necessário ler e compreender a paisagem: esta torna-se algo muito mais do que a soma de aspetos do território. Neste sentido, Besse refere a necessidade de uma “hermenêutica paisagística” (72), no sentido em que a paisagem se afirma palimpsesto, assinatura e eco de passos e gestos humanos ao longo do tempo. Chega-nos através do corpo e dos sentidos; depois de entrar na escrita (literária), torna-se geradora de sentidos. O texto literário como lugar onde se concebem paisagens merece a atenção de Maria Lúcia Lepecki: “Paisagem resulta do exercício da inteligência enquanto discriminação: separamos coisas de coisas, águas de águas, se for o caso, como se conta ter acontecido na criação do mundo. (...) Aprendendo com o Deus do Génesis, também nós nos tornámos capazes de fazer luz, em sistema de corte e cola, sobre a totalidade do universo, sobre a sua infinita variedade, pujança e potencialidade combinatória. Separando, discriminando, ordenando e, ao nosso arbítrio, tornando a juntar, criamos mais e mais paisagens. Com isso obedecemos à compulsão do encontro com as origens.” (65). Miguel Torga, à imagem do Deus do Génesis, é criador. Inventava para si um nome – Miguel Torga -, e, a par disso, com *Criação do Mundo*, o autor faz nascer não só a sua existência, bem como (re)cria as paisagens do seu território – físico e íntimo, esse que, no caso do autor de *Contos da Montanha*, tem sobretudo um nome: Trás-os-Montes.

3. No *Diário X*, lê-se: “Estas paisagens (...) quando cuido que estou a interpretá-las, estou a ler-me.” (94). Miguel Torga retirou da paisagem natural que habitou durante a infância o seu lume criativo: “O pouco que sou, devo-o às fragas (*Diário VII*, 26). Bastava esta afirmação: a vulnerabilidade do ‘eu’ que se diz em relação à dureza das fragas, para se entender o perfil do poeta e o corpo da sua poesia: a pedra dura transformada em solo fértil do ‘eu’ poético. Nesse sentido, a poesia do poeta cresce, inesperadamente, de uma substância improvável, “do chão/ duro e ruim” (*Poemas Ibéricos*, 14), numa terra de “grandeza austera,/ Onde as pedras parecem ter vontade,/ E nenhuma vontade desespera” (*Diário XI*, 123).

Para Torga, estar no cume de uma montanha e olhar a paisagem não é um exercício vão: ver uma paisagem é ao mesmo tempo fuga – é-se outra coisa, foge-se do eu, e, ao mesmo tempo, regressa-se ao ‘eu’ mais profundo e mais completo porque já se tem mais mundo. Fundem-se, neste processo, paisagem e alma, tal como no poema “Pátria”: “Serra! / E qualquer coisa

dentro de mim se acalma.../Qualquer coisa profunda e dolorida,/ Traída,/ Feita de terra/ E alma.” (*Diário II*, 57). Ou ainda: “Fui ver o mar./ Homem de pólo a pólo, vou/ de vez em quando olhá-lo, enraizar/ em água este Marão que sou” (*Diário I*, 143). A paisagem não é cenário, é lugar de interrogação: acerca de si e do mundo; através dela procura conhecer-se, nos seus conflitos e perplexidades, e conhecer o mundo, dividido entre vales e montanhas, entre planuras e abismos. Explica, por isso, que não pretende descrever as paisagens, antes, transmitir o êxtase que dele se apodera, iluminá-las “com o íntimo sol da alma” (*Diário VIII*, 54).

4. Miguel Torga refere a paisagem física e psicológica (*Diário V*, 79) para falar de uma entidade que lhe chega através dos sentidos e se metaforiza em corpo, como no poema “Orgasmo”: “Deixa que eu te descubra, anónima paisagem” (78). Se é volúpia, a paisagem natural é sobretudo eternidade: não morre, por oposição ao ser humano. E o que verdadeiramente anima o poeta é que a cada novo homem é dada a possibilidade de vislumbrar a perenidade no ciclo das plantas e das estações do ano: “Nada no mundo se repete. Nenhuma hora é igual à que se passou./ Cada fruto que vem cria e promete/ uma doçura que ninguém provou.// Mas a vida deseja/ em cada recomeço o mesmo fim./ E a borboleta, mal desperta, adeja/ pelas ruas floridas do jardim.// Homem novo que vens, olha a beleza!/ Olha a graça que o teu instinto pede./ Tira da natureza/ o luxo eterno que ela te concede. (*Libertação*, 40-1). Ideia presente também no *Diário I*: “Às vezes ponho-me a pensar se a aceitação calma da morte no homem da terra não será o resultado desta íntima comunhão com o ritmo da natureza. No inverno, árvores despidas; na primavera, folhas e flores; no verão, frutos. No inverno seguinte, árvores despidas; na primavera, folhas e flores; no verão, frutos. No inverno a seguir.” (25). Volta a essa associação entre paisagem natural e eternidade no *Diário VIII*, depois de manifestar o seu gosto por certas paisagens, que revê, ainda mais do que relê certos livros, afirmando: “pobre artista que sou, sei que é esse renovo ininterrupto que falta às obras puramente humanas. Mesmo as geniais, são apenas momentos vibráteis na quietude da eternidade, ilhas vulcânicas no mar morto do tempo” (*Diário VIII*, 191).

Desde cedo, o percurso poético de Torga mostrou fidelidade à paisagem, sobretudo à paisagem das suas origens. E creio mesmo que a sua obra é uma grande e contínua declaração de fidelidade a essa paisagem. Um pouco à imagem de Walt Whitman, que não desistiu de reunir os seus poemas sob

um só título - *Folhas de Erva* -, a poesia de Torga não deixa de se fundir com as fragas de Trás-os-Montes, uma paisagem que metaforiza o desassossego do poeta. Como refere, as montanhas e as altas fragas são a matéria e o símbolo da inquietação; sem os montes “quem daria aos homens o permanente exemplo da sublevação natural que há no espírito da própria vida?” (*Diário VII*, 26). Embora andarilho de Portugal e do mundo, reconhece a seminal ligação à região onde nasceu: “Foi desta realidade que parti, e é a esta realidade que regresso sempre” (*Diário VIII*, 12).

Em *Odes* (1946), por exemplo, encontram-se já as linhas da paisagem física que habitaria a sua obra: “Terra, minha aliada/ na criação”. Uma terra concreta, de searas maduras, de papoilas e de cigarras, que não dará apenas pão, é certo, mas também poesia. Em *Odes*, e ainda à maneira de Whitman, o que é amado é da ordem do elemental: o mar, o vento, o sol, a lua, a água. Uma paisagem natural habitada por humil paisagem humana, trabalhadores de uma epopeia sem “reis,/ Mas homens de tamanho natural” (61). A paisagem é ainda entidade viva onde vivamente se lê o destino humano, como no-lo diz o poema gravado no promontório de São Leonardo de Galafura, situado numa das margens do Douro: “À proa dum navio de penedos,/ A navegar num doce mar de mosto,/ (...)/ S. Leonardo vai sulcando/ As ondas/ Da eternidade, / Sem pressa de chegar ao seu destino./ Ancorado e feliz no cais humano, / É num antecipado desengano/ Que ruma em direção ao cais divino. // Lá não terá socalcos/ Nem vinhedos/ Na menina dos olhos deslumbrados;” (*Diário IX*, 91). Na luta entre o ser humano e o divino, a vontade do sujeito lírico é permanecer carne e osso, num caminho de “terra e rosmaninho”.

5. Concluindo, a paisagem é um espaço que permite ao poeta exercer dois aspetos essenciais da sua poesia – sinceridade e liberdade. É esse o caso de “Panorama”, poema onde a paisagem é a fraga a partir da qual se fala da ausência de liberdade: “Pátria vista da fraga onde nasci. (...) É de agora ou de sempre esta paisagem/ Sem palavras/ Sem gritos,/ Sem o eco sequer duma praga incontida?” (*Diário X*, 108). É na comunhão com os espaços – sejam eles da ordem da terra ou do mar – que Miguel Torga sente poder exprimir-se plenamente, quer enquanto indivíduo português, ibérico, ou homem do mundo. O reduto concreto de Trás-os-Montes não limitou o seu voo; pelo contrário, a herança que lhe coube como destino – uma paisagem pedregosa e áspera – o poeta soube transformá-la em aspiração de sopro universal: “Sim, olhar a paisagem.../ Olhá-la como um bicho/ Ou como um

lago./ Olhá-la neste vago/ Sentimento/ De pasmo e transparência./ Olhá-la na
decência/ Original,/ Com olhos de inocência/ E de cristal” (*Diário XI*, 9).

Referências bibliográficas

Besse, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Lepécki, Maria Lepecki. “A mãe promíscua: sobre natureza e paisagem”. *Uma Questão de Ouvido. Ensaios de Retórica e de Interpretação Literária*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, 55-65.

Torga, Miguel. *Odes*. Coimbra, 1977.

----- *Libertação*, Coimbra, 1978.

----- *Poemas Ibéricos*. Coimbra, 1982.

----- *Diário I*. Coimbra, 1978.

----- *Diário II*. Coimbra, 1977.

----- *Diário V*. Coimbra, 1974.

----- *Diário VII*. Coimbra, 1983.

----- *Diário VIII*. Coimbra, 1976.

----- *Diário X*. Coimbra, 1968.

----- *Diário XI*. Coimbra, 1973.

----- *Diário IX*. Coimbra, 1977.

Unamuno, Miguel. *Paisajes del alma*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

*

Maria Hercília Agarez

*Desta terra sou feito
Tenho rugas na alma*

*Eu gosto da paisagem. Mas amo-a de uma maneira casta, comovida, sem
poder macular a sua intimidade*

É o próprio Miguel Torga que se auto-classifica: “Poeta, sim, poeta / [...] Sem nenhum apelido”; “Poeta sou e a ti [poesia] me escravizei”; “Meu condão de poeta!/ Meu carisma! /Minha chama divina!” Em 1984, no poema “Crónica”, homenageia os Pais e escreve: “...minha Mãe adivinhou no filho/ Um futuro poeta. Secreta,/ Não o disse a ninguém”.

Assume ser duplo – “O que sou por detrás do que pareço”, “Dois homens num só rosto”. E triplo: “um artista, um homem e um revolucionário”. A sua arte, a sua vocação, o seu orgulho é a poesia. Ele o declara. Como admite no último poema, de Dezembro de 1993, não se cumpriu como porfiou porque o destino não lho consentiu. Terá sido, na verdade, como poeta que mais gostaria de ser lembrado? Eis uma questão a provocar opiniões discordantes, se bem fundamentadas. Talvez o debate nos conduza aí. A poesia é (para o autor), o seu reduto, uma inerência da sua sensibilidade. Um dom. Ele é “Majestade” no seu reino órfico. Ao cantar, “Violenta o silêncio conformado/ Cega com outra luz a luz do dia”. Acima de tudo, o poeta Torga ama “o duro ofício de criar beleza”, como Tolentino “O ofício incerto das palavras” ou Pires Cabral o “Danoso ofício das metáforas”.

A *alma* e a *paisagem*, são, entendo, as traves mestras do edifício que é a poesia de Miguel Torga, sobretudo desde o momento em que abandona “o tom oratório, declaradamente dramático, marcado por uma espécie de recorrente autolatria”, como bem lembra Fernando Guimarães, o decano dos nossos poetas. Marcados por um tom retórico, arrastado, empolado, são longos os poemas de livros precoces e enfeitados, sem direito a reedições – *Ansiedade* – 1928, fora do mercado (ano em que Adolfo Rocha inicia o curso de Medicina) e esgotadas as três seguintes – (*Rampa* – 1930; *Tributo* – 1931 e *Abismo* – 1932). Das quatro recuperará um verso “sinto o medo do avesso” do livro de estreia e seis poemas dos seguintes, por ele próprio incluídos na sua *Antologia Poética*, a que se acrescentam, na edição da *Poesia Completa*, a totalidade dos onze títulos publicados entre 1936 e 1965, e todas as entradas em verso que recheiam os dezasseis volumes do *Diário*, numa inovadora alternância de registos para a qual Clara Rocha sugere explicações em *Máscaras de Narciso*. Se, livros como *Orfeu Rebelde*, *Nihil Sibi* ou *Câmara Ardente*, por exemplo, revelam, eloquentemente, o desassossego da alma do poeta, o seu desespero agnóstico, o seu permanente estado agónico, para irmos ao encontro dos seus registos paisagísticos, deveremos seguir os passos de um Adolfo já Miguel que, no *Diário I* implora: “Deixem passar quem vai na sua estrada”, verso que, juntamente com a frase de Amiel (*Chaque jour nous laissons une partie de nous-mêmes en chemin*), poderia servir de pórtico a todos os volumes. Encerram eles o que de mais belo e sentido Miguel Torga escreveu sobre os espaços, predominantemente rurais, sobre o que o seu olhar de águia perscrutou, em poemas curtos, localizados e datados, em que está patente o seu lirismo

feito de sensibilidade, singeleza, predominante concisão e, até, ternura.

Assim, os limões são “tetas de donzela”, o Pai “ergue uma videira/ como uma mãe que faz a trança à filha”, “um arado/ Aguça a ponta de ferro/ *Na luz macia*”, “*Este é o poema duma macieira/ Deu-lhe um sol de noivado*”, “*Era de tília a mágica verdura*”, “*A cor da vida foi além de mais!*”, “*Deixo pastar os olhos na paisagem*”.

Alma e paisagem será a grande dicotomia de que decorrem outras. Assim, à interioridade, incorporeidade e invisibilidade da alma, contrapõe-se a exterioridade da paisagem, visível, palpável, material. Se, olhando-se no interior, lhe surge um “nó cego de angústias e contradições”, onde, como ervas daninhas, crescem o desespero, a escuridão, a tristeza, a fantasmagoria da morte, a esterilidade, no fora, na natureza/paisagem, em contrapartida, encontra o sujeito poético antídotos momentaneamente pacificadores e indutores de esperança. “A vida [que] passa lá fora” revela-se-lhe luminosa, buliçosa, colorida, rescendente, generosa em sonoridades, anunciadora de renovos, povoada de belezas múltiplas, nos diferentes reinos. O próprio, nos seus constantes desabafos, escreve: “Devo à paisagem as poucas alegrias que tive na vida. Os homens só me deram tristezas”.

Se o significante alma deve assumir a singularidade porque só a do poeta nos interessa, a “sua” paisagem é de uma pluralidade inversamente proporcional à dimensão do país. Andarilhando incansavelmente, por montes e vales, por planaltos e planícies, por serras e por beiras de rios e mar, por caminhos rurais, por pascigos, pomares, searas, serras nevadas, olivais, vinhedos, o autor de *Odes* promete, insensatamente, - “Pátria até que os pés/ Se magoem no chão./ Até que o coração/ Bata descompassado”. E não será necessário sair da poesia para nos apercebermos de que são insaciavelmente gulosos os olhos de quem, “geófago” insaciável”, diz, olhando a terra: “Desta terra sou feito”, mas, também, para que não haja equívocos a esse respeito, daquele que, em Espinho, confessa: “Depois de comer serra o dia inteiro/ Beber o mar dum trago/ Que frescura!

Embora, como diz, toda a paisagem lhe saiba bem, é notória a sua predileção por espaços transmontanos e durienses, talvez porque a sua aldeia natal esteja estrategicamente situada entre o rio Douro e a serra do Marão. Até ao limite das suas forças físicas e anímicas, Miguel Torga sobe de Coimbra, passando por uma serra que lhe é porta de entrada numa região natal promovida a Reino: “Este Trás-os-Montes da minha alma. Chega-se ao Marão e entra-se logo no paraíso”. Igualmente se sente bem em terras

onde Baco convida “Vinde à terra do vinho, deuses novos”. Impõe-se que se acrescente a esta região o Alentejo: – “Este Alentejo podia muito bem ser meu. O que lhe falta em altura, sobra-lhe em grandeza”.

Reflexão

Sim, olhar a paisagem...
Olhá-la como um bicho
Ou como um lago.
Olhá-la neste vago
Sentimento
De pasmo e transparência.
Olhá-la na decência
Original,
Com olhos de inocência
E de cristal.

Diário XI, Gerês, 2 de Agosto de 1968

